



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## A VOZ LÍRICA FEMININA NA POESIA DE GILKA MACHADO

MOREIRA, Raissa Gonçalves de Andrade

*Universidade Federal de Campina Grande*

raissamoreira28@gmail.com

RODRIGUÊS, Samyra Ferreira Ramos

*Universidade Federal de Campina Grande*

samyramos13@gmail.com

OLIVEIRA, Tássia Tavares

*Universidade Federal de Campina Grande*

tassiatavares@gmail.com

### RESUMO:

As mulheres na literatura brasileira sempre foram representadas na perspectiva masculina, já que os autores canônicos eram todos homens. Mas na segunda metade do século XIX, graças aos movimentos feministas, começam a ocorrer modificações nos paradigmas econômico, político e social das mulheres brasileiras. Considerando tais transformações, neste trabalho buscamos fazer uma análise dos poemas *Ser Mulher* e *Volúpia* do livro *Poesias completas* (1991), ambos da poetisa pré-modernista Gilka Machado, a fim de compreender a representação feminina em sua poética. O anseio de refletir sobre a mulher nos poemas de Gilka Machado surgiu pela autenticidade e sensibilidade da poetisa ao trabalhar a voz lírica feminina, diferenciando a mulher da noção tradicional de “dona do lar” e apresentando uma mulher que subvertia o moralismo burguês. Desse modo, a poesia giliana pode ser considerada como revolucionária, pois é marcada não apenas pela forte presença da sensualidade, mas também pela crítica moral – através das imagens de mulheres e das questões sociais que as rondavam –, que se inserem em sua literatura ao abordar o fervor desse período de transição vivenciado pela sociedade carioca, a fim de discutir e repensar as questões que envolvessem a condição feminina no início do século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gilka Machado, Voz lírica feminina, Pré-modernismo.



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## 1. INTRODUÇÃO

As personagens e representações poéticas da mulher na literatura brasileira foram quase sempre elaboradas numa perspectiva masculina, dado que os autores consagrados pelo cânone eram todos homens. Mas na segunda metade do século XIX começam a ocorrer modificações nos paradigmas que rodeavam o retrato econômico, político e social das mulheres brasileiras, e com isso cresce o número de mulheres escritoras.

As transformações que foram ocorridas no campo social como o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, a conquista do voto feminino e a defesa da educação formal para as mulheres influenciaram o pensamento humano, agora voltado a atender as novas expectativas em relação à conjuntura social, com isso a hegemonia masculina se sentiu ameaçada pelo crescimento dos direitos femininos e isso repercutiu na literatura, já que no oitocentismo brasileiro surgiram as primeiras escritoras profissionais brasileiras concorrendo com os escritores homens, muitas escreviam em jornais e refletiam a condição das mulheres do período. Logo, as personagens femininas dos romances e as representações femininas dos poemas já não podiam mais se restringir a donas de casa ou mulheres-anjo.

Considerando tais transformações, neste trabalho buscamos fazer uma análise dos poemas *Ser Mulher* e *Volúpia* do livro *Poesias completas* (1991), ambos da poetisa pré-modernista Gilka Machado, a fim de compreender a representação feminina em sua poética. O anseio de estudar a voz poética feminina nos poemas de Gilka Machado surgiu pela autenticidade e delicadeza da poetisa ao trabalhar a perspectiva feminina, diferenciando a mulher da noção tradicional de “dona do lar” e apresentando uma mulher problematizadora da sua condição.

Desse modo, a poesia giliana pode ser considerada como revolucionária, tendo em vista que é marcada não apenas pela forte presença da sensualidade, mas também pela crítica moral – através das representações de mulheres e das questões sociais que as rodeiam –, que se insere em sua literatura ao abordar o fervor desse período de transição vivenciado pela



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sociedade carioca, a fim de discutir e repensar as questões que envolvessem a condição feminina no início do século.

### 2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE GILKA MACHADO

Gilka Machado (Rio de Janeiro, 1893-Rio de Janeiro, 1980) desde cedo tinha tudo para ser artista: a mãe, Thereza Christina Moniz da Costa, era atriz de teatro e de rádio teatro; e a filha, Heros, seria bailarina consagrada e pesquisadora das danças nativas brasileiras. Além disso, sua família ainda possuía músicos famosos e também poetas.

A poesia sempre esteve presente na vida de Gilka, desde criança ela escrevia versos e com toda essa desenvoltura, aos 13 anos ganha um concurso pelo jornal *A imprensa*, quando arrebatou os 3 primeiros prêmios, com poemas assinados com seu próprio nome e com pseudônimos. Mas só em 1915, aos 22 anos, publica seu primeiro livro, *Cristais Partidos*. Seguem-se outros, ao longo da década de 1920, como *Estados d'Alma* (1917), *Mulher Nua* (1922), *Meu Glorioso Pecado* (1928), *Amores que mentiram, que passaram* (1928).

Em relação aos seus poemas foram também republicados em outros volumes: os dois primeiros livros, em *Poesias*, de 1918; e alguns, escolhidos, em *Carne e Alma*, de 1931, em *Meu rosto*, de 1947, e em *Velha Poesia*, de 1965, antes que as *Poesias Completas* ganhassem duas edições: em 1978 e em 1991.

Sobre sua poesia, podemos perceber a partir dos títulos de seus livros, que esta possui uma intimidade sensível, a qual podemos verificar por meio das manifestações das sensações, emoções e desejos eróticos. Duarte (p. 46, 2011) assinala que “Gilka Machado era defensora do sufrágio e autora de versos eróticos que causaram escândalo para a sociedade conservadora da época”.

Um exemplo pode ser visto através da análise lexical de seus poemas, como no uso que faz da palavra “cio”, como: Sinto pêlos no vento... é a Volúpia que passa, / Flexuosa, a se roçar por sobre as cousas todas, / Como uma gata errando em seu eterno cio. (MACHADO, 1978, p. 43).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ao se utilizar dessa palavra, a poetisa mostra uma mulher esvaída em sensualidade, construindo sua poesia tanto segundo a rigidez formal de tradição parnasiana quanto segundo as ondas de languidez que atravessam o seu verso à moda simbolista. Daí uma reação dupla por parte do público, pois causa tanto a admiração em alguns – como no caso das mulheres que a enxergam como porta-voz na representação feminina até então proibida –, quanto à rejeição em outros – uma parcela da sociedade de crítica moralista conservadora.

Duarte (2011) salienta que Gilka foi impetuosamente condenada pelos escritores do modernismo especialmente Mario de Andrade (1893-1945), tendo em vista que “...a considerava por demais escandalosa. Seus poemas desafiavam os preceitos e a conduta moral da época e deixavam em pânico os moralistas de então” (p.47).

Ainda em relação a poesia de Gilka Machado é sempre o Eu feminino quem deseja enquanto o homem é objeto do desejo. Isso vai de encontro a moral socialmente instituída onde o homem é sempre o sujeito do desejo, enquanto a mulher é vista como imoral ao expressar que deseja. O homem quer sempre reivindicar seu status de desejante: “o homem quer acreditar que foi ele quem escolheu, nem que seja para rejeitar sua opção” (AULAGNIER-SPAIRANI, 1990, p. 76).

### **2. 1 GILKA MACHADO: UMA REPRESENTATE DA AUTORIA FEMININA NOS ANOS INICIAIS DO MODERNISMO BRASILEIRO**

Gilka Machado ganhou em 1993 o concurso da revista *O Malho* como sendo “a maior poetisa do Brasil”. João Ribeiro já a considerava “uma das maiores poetisa brasileiras, e eu não digo a maior, porque não tenho autoridade bastante” (1957, p. 262). No entanto, como acontece com parte das poetisas, algum tempo depois, Gilka Machado caiu num quase esquecimento. O que realmente ocorreu foi que, desde o início, sua obra causou uma inquietação a crítica, por assim fugir do paradigma esperado de uma mulher naquela época. Suas obras eram consideradas por alguns à frente do seu tempo, e por outros como sendo ultrajantes, ferindo a moral e os bons costumes. Machado comenta essa questão apontando



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que “a marginalização em que caiu sua obra se deve a atuação da crítica que a considerou desde sua estreia uma matrona imoral.” (1978, p. 9).

É provável que um dos fatores que levaram a obra de Gilka Machado a essa exclusão tenha sido a sua lírica erótico-amorosa. A autora falava naturalmente de sexo, algo que na sua época não era um assunto comum para ser tratado por mulheres, e por isso era tido como um tabu, dessa forma a poética de Gilka Machado foi marcante para aquela época – quanto também para o momento atual em que vivemos – pois sua poesia foi considerada como um “marco de liberação da mulher” (SOARES, 1999, p. 93). Ainda sobre essa questão, Coelho (2002) aponta que foi nessa época que se intensificaram os movimentos de Revolução Feminista na Europa e nos Estados Unidos, e a poesia de Gilka Machado vinha para fomentar as discussões e a força dessa causa a favor dos direitos femininos. O pesquisador Bueno (1997), comenta mais aspectos sobre o alcance da poesia de Gilka Machado:

A carioca Gilka Machado (1893-1890) [sic] teve, com Hermes Fontes, uma estréia retumbante com *Cristais partidos*, em 1915, confirmada por *Estados de alma*, 1917, ano da estréia de Manuel Bandeira. O lado confessional da poetisa em sua situação de mulher, seu feminismo evidente, o erotismo claro e difuso de muitos de seus poemas, uma espécie de quase pan-erotismo, causaram grande impacto e até certo escândalo na época, o que manteve sempre acesa a lembrança de seu nome, apesar de um crescente recolhimento até sua morte. (BUENO, 1997, p. 267).

Como percebemos, o autor reitera o “rebuliço” que a poetisa causou, mas também ressalta a importância e a coragem, ao falar de temas considerados tabus pela sociedade. A poesia de Gilka teve muitas associações da crítica biográfica no que se refere às vivências da própria autora muitos confundiam o eu lírico feminino com a própria poetisa – o que aumentava ainda mais o escândalo. Sobre essa questão, Massaud Moisés comenta:

A franqueza rude da poetisa, que tantos desgostos lhe causou, correspondia a vivências reais ou imaginárias? Na verdade, é questão ociosa: à semelhança dos poetas de Orfeu, a autora de *Mulher Nua* praticava a sinceridade fingida ou o fingimento sincero, fingindo “que é a dor/ A dor que deveras sente (MASSAUD MOISÉS, 1984, p. 257).

Massaud Moisés destaca que a autora se misturava em seus poemas, ao passo que não conseguiríamos distinguir o que seria o eu-lírico e o que seria a própria Gilka, dentro do poema, valendo destacar que é assim que funciona com toda a poesia, não só com a de Gilka.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O Eu-lírico e poeta são coisas diferentes como autor e narrador também são. O que só prova o conservadorismo de parte da crítica, que parece que confundia as coisas propositalmente para atribuir o “escândalo” à própria poetisa.

Além disso, o autor ressalta o sensualismo na obra gilkiniana: “um sensualismo escaldante, desabrido, sem fronteiras, a traduzir uma rica individualidade de mulher e poetisa. Um sensualismo de trovadoresca a exprimir em cantigas de amigo seu amor sem disfarces ou convenções. Um sensualismo felino, animal [...]” (MOISÉS, 2001, p. 255). Ele também destaca a presença do “amor maldito” ao longo de seus poemas, ou seja, aquele amor que faz o eu lírico corroer em chamas deixando um sentimento de arrependimento e saudade. Assim, para Massaud Moisés, na poesia de Gilka, o sentimento amoroso e feminino é sintoma da modernidade dos seus versos:

A partir do que foi mencionado na explanação por Massaud Moisés acerca das características da obra de Gilka Machado, verificamos que ele se preocupa em explicar, ainda que em poucas palavras, o contexto cultural em que ela produziu seus versos, diferentemente de Coelho que discorre a importância social que os poemas de Gilka tiveram ao falarem de sentimentos que eram exigidos às mulheres daquela época:

Desafiando os preconceitos, Gilka Machado ousa expressar, em poesia, a paixão dos sentidos, a volúpia do amor carnal e o dramático choque entre o corpo e a alma. Choque provocado pelo Cristianismo, ao lançar o anátema ao prazer sexual, a fruição da carne [...] Gilka Machado obviamente chocou a sociedade do tempo com seu ousado desvendar de paixões ou sensações proibidas à mulher.” (COELHO, 2002, p. 228)

Percebemos, através das considerações de Coelho (2002) que Gilka desafiava os valores impostos pelo cristianismo. Para a autora, o sexo não era apenas uma atividade divina de reprodução, mas sim, a mulher deveria se sentir o prazer da relação, o prazer da carne, algo que era terminantemente condenado pelos valores mais tradicionais. Para completar essa reflexão sobre a poética dessa grande autora, temos aqui as palavras de Moisés (2001):

Gilka Machado ficou, e ficará, como exemplo, isolado em seu tempo, de corajosa transgressão das expectativas sociais com respeito à mulher. Feminista avant la lettre, rebelde, “selvagem”, seu grito de liberdade exhibe todas as características do pionerismo, tanto mais digno de nota quanto mais se ergueu, e permaneceu



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

longamente sonoro, num período em que rígidos preconceitos dominavam o convívio social. (MOISÉS, 2001, p. 255)

Nas palavras de Moisés acima, percebemos como a poesia de Gilka incitou a transgressão do papel feminino e, além disso, mostrou para muitas mulheres que não é pecado ser mulher e querer lutar pelo que se acredita.

### 3. ANÁLISE

Após comentarmos aspectos gerais referentes à poesia gilkiniana, trazemos na análise um de seus mais famosos exemplares, o poema “Ser mulher” publicado em 1915, no seu primeiro livro, *Cristais Partidos*. Também almejamos fazer a análise do poema *Volúpia*, do livro *Estados da Alma*, publicado em 1917.

#### **Ser mulher**

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada  
para os gozos da vida, a liberdade e o amor,  
tentar da glória a etérea e altívola escalada,  
na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada  
para poder, com ela, o infinito transpor,  
sentir a vida triste, insípida, isolada,  
buscar um companheiro e encontrar um Senhor...

Ser mulher, calcular todo o infinito curto  
para a larga expansão do desejado surto,  
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...

Ser mulher, e oh! atroz, tantálica tristeza!  
ficar na vida qual uma águia inerte, presa  
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Primeiro, é fundamental comentarmos o título do poema, *Ser mulher*. Acreditamos que esse título, que se repete ao longo do poema demonstra a maneira com que a autora se utilizou para refletir sobre sua condição feminina, como se ser mulher fosse algum encargo, um peso colocado no eu-lírico pela sociedade. Logo na primeira estrofe, a autora afirma que “Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada / para os gozos da vida; a liberdade e o amor” é perceptível que a autora coloca a vida da mulher como uma vida de privações, talhada das coisas boas da vida, como a liberdade.

Nos dois versos subsequentes, a autora faz menção ao desejo da mulher de chegar a outros lugares, de alcançar seus sonhos, quando a mesma afirma: “tentar da glória a etérea e altívola escalada/, na eterna aspiração de um sonho superior...”. A partir dessa estrofe podemos perceber a imagem controlada e presa que Gilka relaciona a mulher, mas não numa tentativa de exaltação, e sim numa vontade de mostrar a frustração do ser feminino.

Na segunda estrofe, a poetisa comenta a relação da mulher com o amor, ressaltando seu romantismo: “Ser mulher, desejar outra alma pura e alada/ para poder, com ela, o infinito transpor,”. Nesse momento podemos ver que a voz lírica de Gilka tem sonhos, tem paixões, mas que a sociedade transforma esses sonhos em gaiolas, que aprisionam seus “devaneios”. Daí chegamos aos dois últimos versos dessa estrofe, nos quais a autora comenta essa frustração no amor: “sentir a vida triste, insípida, isolada,/ buscar um companheiro e encontrar um Senhor...”. Acreditamos ser o último verso da segunda estrofe um dos mais importantes do poema, pois ela menciona que aquele homem, o qual deveria ser companheiro, o qual deveria com ela transpor o infinito, na verdade se tornava seu dono, seu senhor.

Na terceira estrofe, Gilka menciona essa noção de infinito sendo digladiada pelos valores mais tradicionais da sociedade: “Ser mulher, calcular todo o infinito curto [...] no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...”. Na mulher descrita por Gilka Machado, não existe a noção do infinito em sua plenitude, mas sim de um “infinito curto” podado pelos “perfeitos ideais” construídos pelos valores sociais. Percebemos que a autora reforça, em cada verso a ideia de que os sonhos femininos são reduzidos, são podados, para que ela se torne uma moça “direita” e que assim se adeque aos valores da sociedade.





## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No quarto e último verso do poema, essa questão fica mais sensível, e a autora comenta o sentimento da mulher por estar presa a esses muros que a sociedade levanta. Podemos observar tal repressão quando esta afirma: “Ser mulher, e oh! atroz, tantállica tristeza! / ficar na vida qual uma águia inerte, presa/ nos pesados grilhões dos preceitos sociais!”. Nos últimos versos a autora se utiliza de uma metáfora para explicar a situação da mulher de sua época. Ela relaciona a figura feminina com a figura de uma águia, que tem asas, que tem um olhar forte e curioso, mas que está presa, impossibilitada de desbravar o mundo, de ser livre por conta dos preceitos da sociedade. Além disso, percebemos que nessa última estrofe em especial, a autora faz uso de exclamações – estas que não foram utilizadas no decorrer do poema – o que para o leitor confere uma ideia de grito, de indignação, ressaltando a tristeza de ter que diminuir seu infinito apenas pelo fato de ser mulher.

A seguir apresentamos o segundo poema a ser analisado, *Volúpia*:

### **Volúpia**

Tenho-te, do meu sangue alongada nos veios,  
à tua sensação me alheio a todo o ambiente;  
os meus versos estão completamente cheios  
do teu veneno forte, invencível e fluente.

Por te trazer em mim, adquiri-os, tomei-os,  
o teu modo sutil, o teu gesto indolente.  
Por te trazer em mim moldei-me aos teus coleios,  
minha íntima, nervosa e rúbida serpente.

Teu veneno letal torna-me os olhos baços,  
e a alma pura que trago e que te repudia,  
inutilmente anseia esquivar-se aos teus laços.

Teu veneno letal torna-me o corpo languê,  
numa circulação longa, lenta, macia,  
a subir e a descer, no curso do meu sangue.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

De acordo com o dicionário Aurélio, o termo volúpia tem origem no latim *voluptas* que indicava prazer ou o ato de se deliciar, muitas vezes de forma excessiva. A partir dessa definição sobre o título, percebemos a irreverência da autora. A todo momento, Gilka expressa em seus poemas a liberdade que não tinha em sua vida de mulher no começo do século XX. Nesse poema em questão, a autora relaciona a mulher num conflito com sua volúpia, como se esta brigasse para que o teor da volúpia não tomasse seu corpo.

Logo na primeira estrofe, percebemos que Gilka ressalta a força da volúpia no corpo do eu-lírico: “Tenho-te, do meu sangue alongada nos veios,”. Aqui percebemos que essa volúpia domina o sangue, se alonga pelas veias do eu-lírico, como se fosse impossível controlar a inserção desse sentimento por entre o seu corpo. Os versos seguintes complementam essa sensação de imersão: “os meus versos estão completamente cheios do teu veneno forte, invencível e fluente.” Nesse momento, percebemos que o eu-lírico coloca a volúpia como sendo um veneno, que embebeda seus versos, como algo proibido, algo impuro. Não podemos deixar de comentar a força dos adjetivos utilizados pela autora para caracterizar esse veneno: forte, invencível e fluente.

Na segunda estrofe, o eu-lírico comenta essa forte relação estabelecida com a volúpia: “Por te trazer em mim, adquiri-os, tomei-os,/ o teu modo sutil, o teu gesto indolente.”. Nesses versos é inquestionável que a volúpia já foi incorporada ao eu-lírico, bem como a sua poética. Agora, o eu-lírico toma para si, se embebeda desse veneno, o qual ele chama de indolente, numa reiteração a condição pecaminosa e proibida desse sentimento. Depois, a autora coloca em questão um novo elemento, uma serpente que nasce no íntimo do eu-lírico, alimentada pela volúpia: “Por te trazer em mim moldei-me aos teus coleios,/ minha íntima, nervosa e rúbida serpente.”. Nesses versos o eu-lírico ressalta estar moldado aos coleios da serpente, sendo o coleio uma posição de ataque da serpente, como se tudo que o eu-lírico fizesse fosse pela vontade da serpente, como se ela guiasse seus versos.

Na terceira estrofe, o eu-lírico comenta o efeito desse veneno da serpente sobre ele: “Teu veneno letal torna-me os olhos baços,/ e a alma pura que trago e que te repudia,/ inutilmente anseia esquivar-se aos teus laços.” Nesse momento percebemos que o veneno da



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

volúpia é tido pelo eu-lírico como letal, algo que tira o brilho de seus olhos, afasta sua alma da pureza e aprisiona esse ser em seus domínios. Por fim, na última estrofe a autora retoma a ideia apresentada da primeira estrofe, de que essa volúpia toma conta do sangue desse eu-lírico: “Teu veneno letal torna-me o corpo languê,/ numa circulação longa, lenta, macia,/ a subir e a descer, no curso do meu sangue.”.

No poema volúpia, percebemos a resistência do eu-lírico a esse sentimento, a essa volúpia que invade seu corpo. Acreditamos que todo esse conflito que parece ser travado no poema é relacionado com a relação da voz lírica feminina com o amor. Gilka Machado afirma que amar ela se deixar frágil, era ceder, assim ela afirma “Cedo casei, fui pelo sexo vencida” (MACHADO, 1978, p.274). Percebemos essa relação conflituosa entre Gilka e o amor, o sexo, uma vez que ela queria ser dona de si mesma, e ao entrega-se ao amor, deixava que outro fosse dono de seu ser, esse outro assumindo assim o papel de serpente.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises dos dois exemplares da poética de Gilka Machado é possível fazer algumas considerações. No primeiro poema, a autora faz uma reflexão ao papel da mulher na sociedade, suas privações, sua falta de liberdade, suas frustrações apenas pelo fato de ser mulher. Nesse poema é evidente a atenção que a autora dá a questão da mulher na sociedade, sendo este um tema recorrente em outros poemas seus.

Já no segundo poema, percebemos que a autora não aborda a questão feminina da sociedade, uma vez que não está claro que o eu-lírico do segundo poema é feminino. No entanto, percebemos o uso de diversas metáforas, expressando um conflito, uma briga com a serpente que governa suas ações, que toma conta de seu sangue. Se fomos pensar pelas representações, poderíamos dizer que a serpente simboliza o falo, numa ideia de demonstrar o controle do homem a suas ações, as suas privações. Esse homem representa também a volúpia, o desejo, algo que o eu-lírico não consegue controlar e acaba cedendo, deixando-se seduzir, tomar-se pelo sexo. É através dessa interpretação que conseguimos relacionar os dois



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

poemas, pois observamos que a todo momento a autora reafirma sua dificuldade em ser mulher no início do século XX, em meio às castrações sociais.

Acreditamos que seja fundamental entendermos o pioneirismo de Gilka Machado, uma mulher que no começo do século XX consegue expor suas ideias, lançar livros contra a moral e os bons costumes da época e já sendo uma viúva, com dois filhos para criar. É inquestionável a força dessa mulher, pois foi capaz de reafirmar suas convicções mesmo estas não sendo aquilo que se esperava de uma jovem mulher viúva há cem anos. Assim, Gilka se configura como uma pioneira na defesa dos direitos das mulheres, mas, além disso, ela prova que não existem limites para a perspicácia feminina e que as mulheres podem – e devem – buscar seu lugar de igualdade na sociedade.

### 5. REFERÊNCIAS

- AULAGNIER-SPAINARI, Piera. Observações sobre a feminidade e suas transformações. In: CLAVREUL, Jean et al. *O Desejo e A Perversão*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1990. p. 76.
- A voz da poesia: falando ao coração/ Biografia de Gilka Machado. Disponível em: [http://www.avozdapoesia.com.br/poetas\\_biografia.php?poeta\\_id=223&poeta=Gilka%20Machado&tipo=biografia](http://www.avozdapoesia.com.br/poetas_biografia.php?poeta_id=223&poeta=Gilka%20Machado&tipo=biografia) Acesso em <13 de abril de 2015>.
- BUENO, Alexei. Uma história da poesia brasileira. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2007. CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: EDUSP, 2004. v.II.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- DUARTE, Constância Lima. A literatura de autoria feminina no modernismo dos anos 30. In: ZOLIN, Lúcia Osana. GOMES, Carlos Magno. *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: Eduem, 2011.
- MACHADO, Gilka. *Poesias completas*. Nova edição. Rio de Janeiro: Léo Christiano/FUNARJ, 1991.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. Vol. 4. Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 255-258.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 2001. 2.v.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

- SOARES, Angélica. *A Paixão Emancipatória*: vozes femininas de liberação do erotismo na poesia brasileira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.